

# DOSSIÊ LUTA DAS MULHERES: Alemanha – O movimento das mulheres na Alemanha

No 8 de março, a greve das mulheres é chamada na Alemanha. Inspirada pela greve na Espanha, uma aliança foi fundada em Berlim em 2018, que rapidamente encontrou ressonância em outras cidades. A primeira reunião nacional em Göttingen trouxe cerca de 300 mulheres de todo o país. O plano é claro: gostaríamos de realizar aqui uma ofensiva com o movimento das mulheres.

Há também muitas razões para isso na Alemanha: o Código Penal alemão estipula que os abortos são possíveis, porém ilegais e puníveis apenas dentro de limites muito restritos. Dessa forma, as mulheres são estigmatizadas e criminalizadas. Além disso, há uma “proibição de publicidade” adicional, segundo a qual os médicos não podem informar publicamente que realizam abortos.

Isso torna mais difícil para as mulheres obter ajuda médica. O trágico é que o SPD (Partido Social Democrata), em vez da abolição, concordou agora com o chamado “compromisso” com a CDU (União Democrata-Cristã, partido conservador de Angela Merkel), perdendo assim a oportunidade de abolir essa lei. Agora, a proibição da informação continua no código penal com algumas outras frases suaves.

Outro problema é a situação social das mulheres: nos últimos anos, o setor de baixos salários na Alemanha, no qual a maioria das mulheres trabalha, cresceu fortemente. Na comparação da União Europeia, é o sétimo maior setor de baixos salários de todos os países da UE. A diferença salarial entre homens e mulheres também é preocupante: as mulheres ganham em média 21% menos que os homens. Assim, a Alemanha é um dos

retardatários na comparação europeia, onde a média é de 16%. Elas também fazem a maior parte do trabalho doméstico e são duas vezes mais propensas a serem afetados pela depressão, devido à dupla jornada de trabalho. Uma a cada quatro mulheres é afetada pela depressão ao longo da vida na Alemanha, enquanto nos homens esse número é de um a cada oito.

Os femicídios ocorrem frequentemente no país, mas não são legalmente reconhecidos como tal. A cada três dias uma mulher é assassinada na Alemanha pelo fato de ser mulher.

Razão suficiente para um novo movimento de mulheres! E também vimos os últimos anos: muitas mulheres contra-atacam. Nos últimos anos ocorreram uma série de novas greves, particularmente por trabalhadoras. Por exemplo, em 2015, em quase toda a Alemanha, professores de creches entraram em greve por quatro semanas lutando por uma revalorização da profissão, ou o movimento de greve dos profissionais da enfermagem que vem crescendo desde 2011 no setor hospitalar, onde enfermeiros fazem greves por mais contratações.

Afinal, a Alemanha é um dos retardatários nesse aspecto: há cerca de 13 pacientes para cada enfermeiro na Alemanha, já na Holanda são apenas 7 e 5,3 nos EUA. A situação é ainda pior nos turnos da noite. Essa luta das enfermeiras levou a muita solidariedade e pequenos sucessos em hospitais específicos. Além disso, os referendos iniciais que exigem uma avaliação pessoal mínima legal nos hospitais estão suspensos e, assim, também oferecem apoio de campanha política às disputas trabalhistas.

Portanto, não é de surpreender que, no 8 de março, especialmente as enfermeiras organizem ações corporativas. Somando essas situações todas, o movimento das mulheres está apenas começando a surgir e a greve política é uma questão muito controversa na Alemanha, devido aos anos de burocratização dos sindicatos. Assim, não esperamos uma greve geral por um longo tempo. Mas existem várias mobilizações

planejadas em diferentes cidades, ações de desobediência civil e reuniões nos locais de trabalho.

Além disso, haverá mais oportunidades de troca de experiências e ideias, por exemplo. Os abrigos para mulheres em Berlim estão organizando um café da manhã conjunto no dia 8 de março. Também é empolgante que especialmente muitas mulheres migrantes participem do movimento de mulheres e tragam com confiança demandas internacionalistas. Nesse sentido, o movimento de mulheres na Alemanha ganhou novo impulso e tem potencial para se tornar o movimento social mais importante, além do movimento ecológico.